



Augusto Boal e o Teatro do Oprimido em Paris. Cedoc-Funarte.

D

RAMATURGIA
LATINO-
AMERICANA

★ AUGUSTO BOAL: CARO AMIGO

Marco Antonio Rodrigues

Encenador teatral, foi fundador e diretor artístico do Foliás, coletivo teatral de São Paulo. Atua como professor-encenador do Curso de Teatro da Escola Superior de Educação em Coimbra e na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, ambas em Portugal. professor-encenador do Célia Helena Centro de Artes e Educação.

“No teatro tudo é verdade, até a mentira”.

“**M**eu caro amigo me perdoe por favor, se eu não lhe faço uma visita. Mas como agora apareceu um portador, mando notícias nesta fita” ... Esta letra de música é bastante conhecida. Faz parte de uma enorme coleção de “músicas do exílio”, produzidas na época da ditadura militar. Todo mundo sabe que é do Chico Buarque, mas nem todo mundo sabe que o destinatário da fita é o Augusto Boal. Lá pelas tantas, retomando a letra “a Marieta manda um beijo para os seus, um beijo na família, na Cecília e nas crianças, o Francis aproveita pra também mandar lembranças, a todo pessoal, Adeus”.

A Cecília aqui referida é Cecília Boal, companheira do Boal, ambos vivendo fora do país porque “a coisa aqui tá preta”. A canção do Chico é emblemática de uma época: a Cecília conta que a casa dos Boal era uma embaixada sempre aberta onde conviviam artistas de toda a espécie, filósofos, gentes da política. Referida aqui, dá conta de um Brasil que depositava na arte e na cultura as esperanças de redenção da brasilidade, as utopias de um futuro de uma sociedade igualitária, a certeza de que as lutas populares, risonhas e francas iriam ganhar as ruas e que o projeto de um estado solidário vingaria em todos os corações e mentes. Tempos da imagem do homem cordial, com todas as suas mazelas e contradições. Mas imortalizada por uma arte combativa, de expressão mundial e qualidade singular.

Feliz ou infelizmente, o “Brasil cultural” foi enterrado definitivamente nos dias que correm: aquilo que andava escondido debaixo do asfalto, as contradições que a face cordial ocultava, se revelaram e ganharam ruas e avenidas, discursos e providências. A violência policial, a miséria extrema, a manipulação dos poderes governamentais ou não (como mídias, igrejas, milícias), o divórcio da política partidária de esquerda ou de direita das grandes questões públicas e humanas em franca adesão ao capital, todas estas catástrofes se naturalizam amaldiçoando o outrora país abençoado por Deus.

A naturalização da política autoritária, entendida aqui não como prática exclusiva governamental, mas de todos os agentes retromencionados ajuntados em torno de projeto hegemônico de caráter francamente antipopular e economicista, vai levar como reação antagônica, no entanto, a outras formas de reflexão da sociedade que ainda caminham embrionariamente mas com bom horizonte, como se viu e como se vê inclusive em outros países da América Latina e do mundo. É aí que mora o felizmente. Cresceram e muito as organizações sociais, os movimentos identitários, negros, feministas, LGBTs, os movimentos indígenas, ecológicos, as mídias alternativas, de forma a que estas esferas de vocalidade começam a constituir redes de articulação, caminhando para disputas reais e revelando a falência e a perversidade do sistema econômico e político vigente.

Não é difícil fixar o Augusto Boal na vanguarda destas encruzilhadas. O fato objetivo é que se a casa do Augusto e da Cecília era a embaixada cultural do Brasil, eles também encarnavam (e encarnam no caso da Cecília) a militância política no campo do ativismo em todos os níveis, sempre conectando a cena geral (o campo de batalha), com a cena específica (o teatro, a estética, a pedagogia artística). O exemplo maior dessa imbricação que é praticada em todos os cantos do mundo é o Teatro do Oprimido, sua criação mais conhecida, um sistema que atualiza a didática brechtiana; horizontaliza e revela os mecanismos de opressão pela voz de seus atingidos; democratiza e dessacraliza o teatro, as artes da cena, as artes performáticas, na medida em que as transforma em patrimônio e ferramenta de todos. O Teatro do Oprimido, amadoriza a cena, quer coisa mais bonita? Simples assim: a imaginação, a interpretação, não é privilégio, prerrogativa, nem patrimônio profissional – é direito pétreo, constitutivo da humanidade de cada pessoa.

Animado com as possibilidades de uma real transformação social mobilizadas pelas revoluções socialistas do século XX, mas como poucos de sua geração, Boal tinha consciência de que igualdade e identidade têm que caminhar juntas na construção do homem novo, como pensava Che Guevara. Assim, questões identitárias que hoje constituem pautas de disputa social estavam já presentes, por exemplo, em *Arena conta Zumbi*; na encenação de *Fedra*; na escritura de *Mulheres de Atenas*, em parceria com Chico Buarque; em *Mulher judia*, adaptação de fragmento de *Terror e miséria* de Bertolt Brecht; em *Erêndira e sua avó desalmada*, na sua cumplicidade operativa com o Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento. Questões de identidade e igualdade atravessam toda a obra e o trabalho imenso de Augusto Boal.

Noutro aspecto e grosso modo, a gente pode dizer que Boal antropofagiza Bertolt Brecht: é possível pensar que o teatro coringa, sua invenção, inspira-se nas formas corais brechtianas. Que ele é um dos principais introdutores das práticas de teatro

didático brechtiano no Brasil. Que se ele introduz e atualiza, também originaliza, dando universalidade à cena e ao refazer cênico brasileiro. Assim como é absolutamente legítimo pensar que Shakespeare influencia Brecht e que Shakespeare, tenhamos notícia ou não, é fortemente seduzido pela poética grega.

“Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”.

Boal é um sujeito curioso que não tem medo da autocritica: em episódio antológico, ele conta em um dos seus livros (são muitos, não me lembro em qual), uma odisseia do centro popular de cultura. Estavam se apresentando no Nordeste, provavelmente em Pernambuco, para um povo ligado às Ligas Camponesas, de Francisco Julião, que à época lutava pela reforma agrária. O final pretensamente revolucionário do espetáculo leva a uma conversa entre atores e espectadores. Diz a liderança campesina: “Que bom que vocês aderem à revolução. Amanhã vamos fazer uma ocupação de terras. Vocês vêm conosco e trazem as suas armas”. Boal, meio constrangido: “nossas armas são adereços, cênicas.” “Não tem problema: temos armas de verdade para todos.” Boal responde mais ou menos o seguinte: “Veja bem, somos artistas, estamos solidários com vocês, mas nossa luta revolucionária é na cena, em cima do palco.” O líder campesino: “Ah! Então vocês acham que o sangue que tem que ser vertido é só o nosso?!”

A partir daí, segundo o Boal, sua visão do papel da arte e da militância subversiva artística e cultural transforma-se. No meu modesto entender o que fica sublinhado é o caráter dialético, problematizador e provocador da cena: não há lições a dar, há questões e angústias a magnificar. O lugar “educativo”, catequizador à la José de Anchieta, gênese do nosso teatro, é conservador e autoritário. É preciso dar voz à realidade, revelar estruturas de poder, apontar paradoxos e contradições: dialética. O espectador como agente, como sujeito, não como destinatário.

Boal novamente na vanguarda: ao teatro não cabe à moralidade que hoje ocupa o prosaetrio numa prática litúrgica para iniciados, mas a dialética, a provocação, a revelação da realidade e suas estruturas. Assim, a contrapelo de um ufanismo nacionalista que estimulava a produção artística do tempo que atua, último terço do século XX, primeiro decênio do XXI, vai procurar nas estruturas que eternizam o colonialismo, o subdesenvolvimento, as potências de superação e afirmação de identidade latino-americanas que possam funcionar como vacina e como alerta para o tamanho da tarefa.

Hoje, quando se constata que continuam intactas as estruturas de poder coercitivo e autoritário implantadas no golpe militar de 1964, quando espanta aos de boa vontade o rebaixamento da inteligência, a desvalorização das humanidades, o mercantilismo das instituições governamentais ou não, sua obra soa com um frescor imediato.

Nos últimos anos, a dramaturgia e os escritos têm nos servido, aqui na Escola Superior de Artes Célia Helena – ESCH, de norte sólido.

Assim, recentemente fizemos “Revolução na América do Sul”, cavocando a perplexidade e o estupor das esquerdas perante a precariedade do trabalho na reatualização do capitalismo mundial contemporâneo em suas cores escravagistas locais. Mais recentemente, encenamos três contos que fazem parte de Crônicas de Nuestra América, que Boal publica pela Editora do Pasquim, nos anos 70. A obra é composta de recolhas de histórias que ele ouviu ou imagina em suas peregrinações do exílio pela América Latina. Fazem parte de um suposto

realismo mágico latino-americano que reúne e reinventa a tragédia em chave melodramática e cômica.

As três histórias escolhidas pra quem não conheça são: “A morta imortal”, que trata dos dramas de uma família de classe média chilena que se debate com a oportunidade iminente de uma sólida herança que se desmancha no ar; “A censura acabou”, que trata da liberdade de imprensa sujeita aos interesses do mundo da mercadoria e a terceira, que é uma pequena joia da cultura do dar nó em pingo d’água, do jeitinho brasileiro, da herança lusitana do desenrasca, que é “Nossa Senhora dos Oprimidos”. Este conto transcende e trespassa a alienação religiosa em subversão progressista e manifestação popular. Uma procissão que é comício político ensaiando práticas de existência e de utopia artística. Ou cidadã?

Pra encerrar o assunto, pego do Boal, que é cheio de romantismo, de esperança e de generosidade carnal e amorosa, uma citação referida por ele em seu livro “A estética do oprimido”. É de uma quadra do cancionero popular de Minas Gerais:

“Minha sabiá, minha zabelê,
Toda madrugada eu sonho com você.
Se você duvidar
Posso até
Sonhar pra você ver.” (Torquato Neto, 1982.)

P.S.: Quando vejo a paixão e amorosidade da Cecília pelo Instituto Augusto Boal, a ficção delirante que me vem à cabeça é o Boal cantando pra ela em algum canto do universo essa quadrinha, na melodia modernista do Tom Zé. ☆